



Calvário

Quando a paisagem é vista sempre do mesmo mirante, pôde ela ser a mais maravilhosa e sedutora que naturalmente acaba por fatigar quem a observa. Mas se este resolve saltar a outra margem, a outro poiso, descobre então novos encantos, novos motivos de êxtase e de repouso.

Também na vida é assim. Quando ela se nos apresenta do mesmo ângulo, muito cedo surgem as trevas e tudo é às vezes perturbado. Há pois que tentar novos ângulos para que a vida ganhe novas formas de sedução e dê o gosto de vivê-la.

O Valentim pedia. A sua vida era uma dependência constante dos outros. Habitação, comida, vestuário, tudo. Hoje, em nossa Casa, não pele. Pelo contrário, dá o seu labor e a sua ajuda. Outros o aguardam para colaborar. Outros o esperam para lhes dar de comer, já que o não podem fazer por si mesmos. Pois se antes o Valentim era triste, se a sua vida era inútil, hoje não. Ele anda sempre a rir.

A senhora Angelina, já de idade bem avançada, passava todo o santo dia em quarto térreo, de porta fechada, tentando frequentemente saltar a janela para dar um passeio nas redondezas. Era considerada demente. Nós mesmos exigimos certificado de saúde mental, antes da sua vinda. Mas afinal toda a efervescência, que era o caso desta pobre mulher, brotava da solidão vivida há largos anos, e que espreitava, há não menos, pela vidraça da janela. Veio para junto de nós. O Calvário é hoje sua morada. E a pobre mulher ganhou nova vida. Anda à-vontade, no à-vontade da nossa quinta. Conversa com os outros. Começa já a dar a mão aos que dela precisavam. A janela da sua vida dá hoje para novos horizontes. E só estes, por vezes, são capazes de refrescar a mente de quem a tem cansada, mas não morta nem destruída.

Se uma claridade nova pode rejuvenescer uma vida, muito há a fazer para dar vida a tantas sem ela.

Este pequeno anormal vive numa garagem apenas com a bisavó, mas esta paralisada. Os pais separaram-se para ensaiarem cada qual um novo lar. Ora, o menor é demasiado peso para a avó que ainda tem de olhar igualmente pela mãe. O quadro

destas vidas é bem sombrio. O peso da situação presente é ainda maior com a incerteza do futuro da criança.

Vamos aliviar este peso, pegando na criança. Mas quantos pesos não há ainda para aliviar!? Os homens que teorizam soluções sociais haviam de viver primeiramente na sua carne o problema alheio para acertarem melhor. Doutra forma traçam medidas que não se ajustam geralmente. Criam formas-modelo mas esquecem-

Cont. na 4.ª Pág.

CARTA do «meu» moinho

Não sei como seria o de Daudet nem quero fazer-lhe concorrência(!).

Deixar a planície dos homens e subir a este monte alto onde o vento é o maior falador, é só por si um banho que quem dera pudesse ser suficientemente prolongado para nos desintoxicar de todos os problemas que a vida tem e os homens complicam.

O «vício» do jornal diário é por demais arreigado para que prescindamos dele. Mas a sua leitura é filtrada como os sons da civilização. O silvo do comboio, o businar dos carros, o ruído bem mais calmo das pedreiras, o repicar dos sinos chegam-nos tão suaves que em vez da saturação que em meios urbanos nos provocam, aqui soam-nos a vozes naturais de um mundo a que afinal pertencemos e de que não podemos nem queremos divorciar-nos.

A leitura das notícias é filtrada, sim, mas não resulta em suavidade. Parecem-nos, pelo contrário, mais loucas do que quando as lemos no meio do turbilhão. As crueldades que os homens perpetraram; os crimes endoidecidos; dissidências que inventam; o relativismo do que dizem; quando não é mesmo vanidade o substantivo exacto que definiria as palavras que debitam.

Soube-me a parábola a rábula que o Henrique Santana repetiu na «Feira» de sábado passado. E lembrei-me de escritos de Pai Américo recentemente relidos: «Se me dei-

Continua na QUARTA página

TRIBUNA DE COIMBRA

Na pequenina agenda que me veio ter às mãos, e pela qual me estou a guiar para programar as idas a praias e termas da zona centro neste Verão, vejo este pensamento de sabor profundamente espiritual: «Bem pouco nos é necessário para viver, e o muito possuir quase sempre tira a paz e rouba a felicidade».

Ouço o trabalho das muitas fábricas que a cidade tem e que já a fizeram rica e hoje dizem que está a empobrecer. Fala-se abertamente em crise.

Encontrei ali na rua um homem de cor, alto mas muito magro, de fato bastante sujo, as calças não cobriam as botas nada limpas e estragadas, cara de sofrimento e olhar vago.

Passou no carro do lixo um rapaz novo a dizer palavras pouco decentes e provocadoras, com ar sorridente de descobridor aventureiro.

Um grupo de pequenitos, dois deles a fumar e um a pedir cigarros aos outros.

Três operários atravessam a rua com várias ferramentas ao ombro e na mão, com aspecto de quem sofreu o peso bruto do trabalho do dia.

A calçada que dá para a porta do Hospital está sempre com gente que sobe e desce.

A grande sala do café do centro está quase sempre cheia de frequentadores.

A igreja onde entrei não tinha ninguém e os muitos altares estavam cheios de flores. Entrou o sacerdote e ficou de joelhos rentinho ao sacrário.

Muitas lojas de comércio com portas abertas e sem frequentes lá dentro.

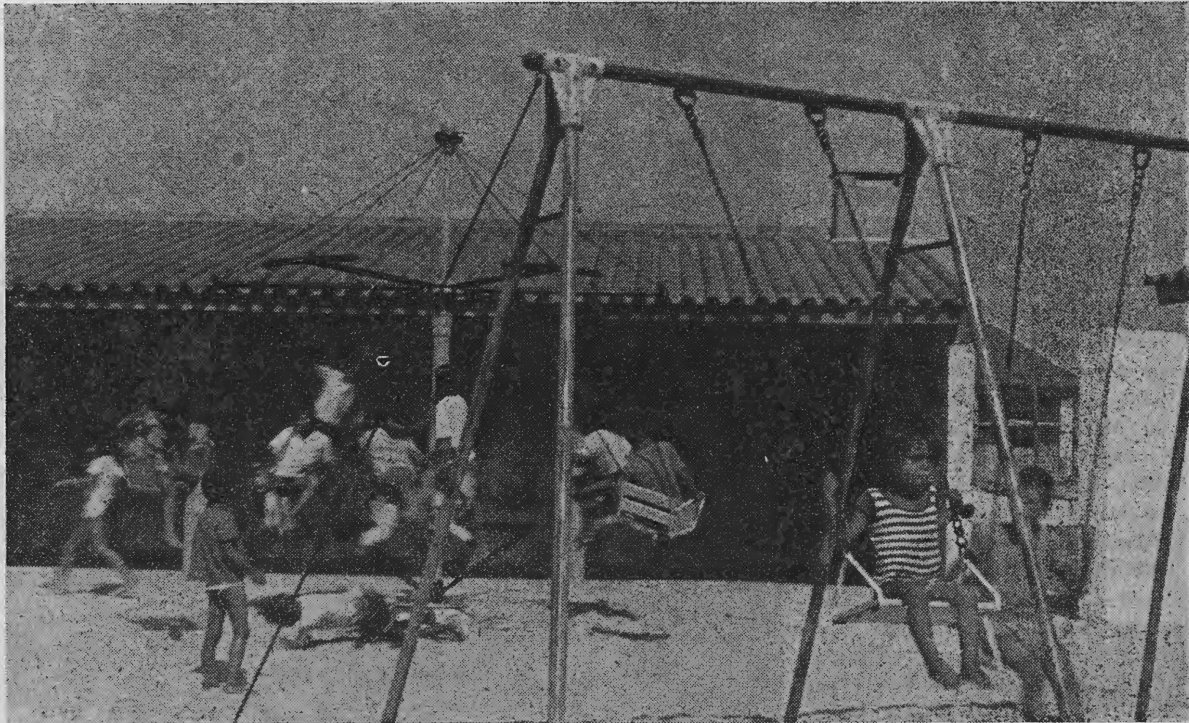
Passam parzinhos muito abraçados e parecem pouco responsabilizados da sua juventude.

Rapazes novos dirigem palavras de mofo à sede de partido político que tem içada a bandeira.

A volta do cemitério há silêncio profundo e poucos gostam de lá estar.

Nas travessas daquela rua há crianças a brincar fora de casa e estão descalças e pouco limpas. Há também mulheres

Continua na TERCEIRA página



Os «Batatinhas» de Miranda do Corvo, em férias na sua casa da Praia de Mira. Uma delícia!

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

MENDÃO — Tem 13 anos, é chefe de um grupo da lenha, e tem sempre todo o serviço em ordem.

Rapaz alegre, trabalhador e bem disposto, é vê-lo, mal-lo seu grupo, a varrer as avenidas da nossa bela Aldeia.

É natural de Setúbal. Tem cá mais um irmão e o outro já foi embora para a vida que hoje em dia está bem difícil.

Claro está, como é de Setúbal o seu clube preferido é também o Vitória de Setúbal.

Vende o nosso «Famoso» em Aveiro e, ao que parece, desenrasca-se por lá bastante bem, pois os aveirenses são boa gente.

Por vezes, e em dias de expedição do jornal, ele e o seu grupo são recrutados para o trabalho, de grande responsabilidade, mas eles lá vão dando conta do recado.

O seu desporto preferido é o futebol. É vê-lo quase todos os recreios escolares a jogar futebol. Por vezes ainda caem algumas «cartuchadas», mas nós sabemos perfeitamente que não são por mal!

E pronto, conforme teu pedido, aqui vai um pouco de ti para os nossos leitores, que estou certo gostam sempre de saber algo sobre nós, os Rapazes!

Estás satisfeito? Espero bem que sim.

Da parte do Mendão, um grande abraço para os amigos de Aveiro.

CORPO DE DEUS — No dia 9 de Junho — dia do Corpo de Deus — foi a Primeira Comunhão dos mais pequenos da Comunidade, os «Batatinhas», preparados pela sr.^a D. Sofia. Que bonitos eles estavam! A

Missa foi por volta das 9,30 h. Neste dia costumamos fazer uma pequena procissão pela nossa Aldeia, mas não foi possível por causa do mau tempo.

No refeitório, o sr. P.e Carlos almoçou com os nossos «Batatinhas». Eles, agora, andam mais felizes!

FÉRIAS — O tempo de férias para alguns já começou!

Quem é que não gosta de se deliciar

com a água do mar, com o aroma do campo ou, até, de visitar um país estrangeiro?

Tempo de férias, tempo de descanso do trabalho dispendido ao longo de um ano cheio de complicações e esgotamento.

Pois bem, o nosso P.e Carlos foi também para um sítio que nós apelidamos por «Moinho».

Ao que se diz, é um lugar calmo e repousante, e ainda bem, pois o sr. P.e Carlos estava a precisar de férias há muito tempo.

PRAIAS — Para o mês que vem, Julho, já teremos as praias iniciadas.

Como sempre, o primeiro turno é ocupado pelos mais pequenos, que ficam sempre mais uns dias que os mais velhos.

Só há um problema: o tempo. Valerá a pena, realmente, ir apanhar banhos de sol? Ou antes ficar em casa a apanhar banhos de chuva?

Sim, porque, ao que parece, o tempo está um pouco «traíçoeiro»; tanto está sol como daqui a pouco já está chuva... Não percebo nada disto, francamente.

Mesmo assim, o melhor é os da praia porem-se a dormir. É uma maneira de passarem o tempo sem incómodos.

Boas férias para o primeiro turno.

«Marcelino»

Setúbal

A NOSSA VIDA — É um constante recomeçar! O intuito de fazer homens é isto. A intenção de ser «família» para os que a não saboreiam, tem chamado cireneus que só a Fé encoraja nesta luta quotidiana.

Tal como nas outras nossas Casas a vida continua num constante labor, sempre na ânsia de querer subir, na ideia do «Regresso a Nazaré...» que Pai Américo nos ensinou, e que nós temos como meta na nossa fraqueza humana. Às vezes não damos notícias, mas nem por isso a nossa vida pára.

Às vezes, é quando ela é mais turbulenta e canserosa.

Pois hoje damos um resumo deste nosso dia-a-dia, onde a vida do Rapaz é razão de ser.

AGRICULTURA — É altura de não olhar pra trás. É uma vida dura semear, mas dela o sabor da colheita e o tempero do nosso suor. Daniel, que então estava na serralharia, teve que vir pegar no trator. E com que gosto ele tem dado conta do seu recado!

OFICINAS — Não damos conta dos trabalhos que nos entregam!

Na tipografia, Américo Correia deixou uma oficina de fora para ganhar o seu pão naquilo que é seu. Anda a fazer a sua casa e, segundo ele, custa muito. Eles acabam por sentir que não é a vida fácil que melhor produz no futuro de cada homem.

Na carpintaria, Luís também ganha o seu pão chefiando a dita. Ele dá agora aos seus algo do que lhe deram a ele.

Na serralharia, um grupo deles mal-lo senhor Hernani não têm mãos a medir e vão construindo o seu futuro. Que eles o queiram ver e saibam que agora é tempo de o construir.

VACARIA — Um lugar que todos rejeitam mas serviço que alguém tem que fazer. Chico e «Choné» são pioneiros — dois a quem a sociedade é capaz de não dar valor. São os pilares fortes da nossa vacaria.

«BATATINHAS» — Um grupo numeroso que dá que fazer a um general!

Marinho, que anda no 2.º ano da Telescola, nas horas vagas é o chefe da «Batatada». É o começo, e não é muito fácil... É ali que começa a escola do trabalho. Eles varrem as ruas e, às vezes, é ver deles já cansados, enquanto outros ainda não perceberam que só com trabalho podemos viver. A pouco e pouco vão apalpando esta verdade.

AULAS — O esforço de uns e o desleixo de outros, mais a incapacidade de alguns e a instabilidade dum ensino que quer ser...

FESTAS — Para não arrefecer os que sempre nos esperam, e para os que ouvindo o eco dos gaiatos se lhes juntam, estamos no Luíza Todi em



Os «Batatinhas» de Paço de Sousa, no dia da sua Primeira Comunhão.

1 Festival Desportivo

Nos dias 9, 10, 11 e 12, realizamos o 1.º Festival Desportivo de Paço de Sousa que nos satisfez bastante e ocupou o tempo nestes quatro dias.

Como havia prémios para os primeiros três de cada modalidade, houve muito boa vontade da parte dos concorrentes.

Pareciam os «jogos olímpicos»!

Começámos na quarta-feira com o ícar da bandeira destes jogos, nas Escolas da nossa Aldeia. Ali ficou até ao último dia como lembrança dos nossos «jogos olímpicos».

Merecem aqui maior referência os quatro ou cinco primeiros de cada modalidade.

DAMAS: Emídio Barbosa, José Celso Lopes, Manuel Gomes, Joaquim Marinho.

TÊNIS DE MESA: António Teixeira Adegas, José Celso Lopes, Arnénio Caetano, Álvaro Candeias.

SALTO EM ALTURA (sem colchão): Jorge Alvor — 1,65, Álvaro Candeias — 1,45, José Miguel — 1,35, José Celso Lopes — 1,35, Joaquim da Costa Marinho — 1,30.

NATAÇÃO (75 m crawl, séniores): Álvaro Candeias, Humberto, Sérgio Lopes, Jorge Alvor, Armindo.

50 METROS LIVRES (Juvenis): «Xabregas», «Tirolhio», «Rebuçados», Ulisses, «Capitão».

25 METROS (Iniciados): Mendão, «Violas», «Jójo», «Rolinha», Jorgito.

ATLETISMO, 6.000 METROS (Séniores): Manuel Escalera, Manuel de Sá, Maciel, Luis Gonzaga, Cartário Pinto.

3.000 METROS (Juvenis): João Manuel Santos, Sérgio Lopes, António da Conceição.

1.000 METROS (Iniciados): José

Barros, Cipriano, Mendão, Ulisses, «Porto».

300 METROS (Iniciados): Duque, Rocha, «Cebolinha», «Piascas», «Lourinhos».

300 METROS («Batatinhas»): Carlitos, Filipe, Manuel, «Janota», Agostinho.

Tudo correu pelo melhor. Falta salientar um encontro de futebol, também incluído no Festival, um bom espectáculo entre a nossa equipa e a do Pessoal dos Serviços Municipalizados de Gondomar.

Constituição das equipas: G. D. da Casa do Gaiato — «Risinho», Pires, Adegas, Tinoco, «Russo», Humberto, Armando, Miguel, «Eusébio»,

Álvaro e Manuel. Gondomar — Oliveira, Martins, Rosendo, Azevedo, Costa Ferreira, Abel, Jorge Neves, Antero, Daniel, Arnaldo, Manuel Augusto, Borges, Deolindo, Pegas, João Mário, Rui e Monteiro.

Ganhámos por 4-1. O tempo estava um pouco chuvoso, descreditou-nos quase a vitória, mas no fim de contas ganhámos por larga margem.

Eis um grande exemplo de solidariedade: no final do jogo, além de perderem, eles ainda nos ofereceram uma bola de futebol!

O Pessoal dos Serviços Municipalizados não veio só jogar futebol, mas também visitar a nossa Obra e conviver um pouco connosco. No final entregaram ainda donativos, roupas, etc.

Um obrigado para todos os componentes da caravana gondomarense, na certeza de que fizemos tudo por tudo na tarefa que nos coube.

Um abraço para todos. E venham sempre!

No domingo, e ainda em relação ao Festival Desportivo, procedeu-se à entrega dos respectivos prémios. Às 5 horas da tarde grande parte da nossa Comunidade reuniu-se no salão para a cerimónia.

O Serafim, o sr. Emídio, o nosso chefe «Eusébio» e o sr. P.e Moura entregaram os prémios.

Além dos três primeiros de cada modalidade terem recebido a sua medalha, os outros atletas receberam também um «diploma», como lembrança para futuras ocasiões.

Em seguida, recolhemos a «bandeira olímpica» para pôr termo ao 1.º Festival Desportivo, que já se deveria ter realizado há mais tempo. Um obrigado à direcção e aos seus colaboradores.

«Marcelino»



Uma sugestiva imagem do 1.º Festival Desportivo em nossa Aldeia de Paço de Sousa



Do que nós necessitamos

Estamos na época das excursões. Nesta altura, salientam-se as que nos visitam em dias de semana, mas muito principalmente as escolares. Algumas há, que é um amor vê-las passar nas ruas da nossa Aldeia, de tão bem organizadas que estão. Visitam tudo, fazem perguntas e, ao partir, deixam-nos das suas migalhas e levam saudades nossas.

Eis algumas Escolas que por cá passaram e que anotámos: Escolas n.º 27/28, de Campanhã, com 738\$. Escolas n.º 99/100, de Ramalde, com 2.000\$. Da Serra do Pilar, 952\$50. De Corveiros — Grijó, 400\$. Escola n.º 30, do Bairro S. Roque da Lameira, 2.503\$50. Duma Escola dos arredores do Porto, 1.000\$. Da Escola mista da Lourinha, de Rio Tinto, 1.725\$. Escola da Boavista, também de Rio Tinto, 1.520\$. Duma Escola de Afife, 525\$. Alunos, serventes e professores da Escola de Francos, com 1.897\$. «De todos quantos trabalham na Escola Preparatória de Bento Carqueja», 1.168\$50. Ainda da Associação de Pais dos Alunos desta mesma Escola, 1.750\$. Menina de olhar triste, duma outra Escola, entregou 20\$, solicitando orações por alma de seu pai.

Anónimo da Póvoa de Varzim, com 1.000\$. «Dum amigo da Casa do Gaiato», assim se intitula pelo seu punho, 100\$. Duma Maria Helena, do Porto, 7.000\$. Anónima de Águas Santas, em visita, 100\$. Ass. 13226 com um vale de correio no valor de 4 contos. Mais 1.000\$ de Leiria, em cumprimento de

promessa. Cem escudos de Oliveira de Azeméis. Cinquenta de Lisboa. A presença habitual de Valadares, com 100\$ e 220\$. Roupas de Lisboa, enviada por Celsa Figueira da Foz com 200\$. «Duma pobre para o pão dos Pobres», 1.000\$. Henriqueta com 20\$. Bem saborosos, por sinal.

Em cumprimento duma promessa, sete contos de Ermesinde. Por alma de Alexandrino, 100\$. Amigo do Fundão, ora vivendo em Lisboa, com a mensalidade de 250\$. Outra presença mensal, com 100\$, de Penedos Altos — Covilhã. Humilde Portuense com 500\$ repartidos pelo Calvário, em memória de Armando Peres. De Coimbra, 200\$. Mais 14.000\$, de Paços de Brandão. De Sousel três cai-

xas com vestuário e uma com medicamentos. «A promessa que a minha gratidão não esquece», com os 100\$ mensais. Mil duma «afilhada de Nossa Senhora». Da Rua de Belém, dez contos. E mais roupa jeitosa, de Odivelas.

«Portuense Maria» com 500\$. De um grupo de funcionários da EDP, por alma de Avelino Gonçalves, 400\$. Um grupo de professoras de Montidos — Águas Santas, 890\$. Mais 100 Francos, do Porto. Por alma de Maria Cortez, 100\$. Mais

2.100\$ de Famalicão. E 100\$ de Coimbra, «uma muito pequenina ajuda à Obra da Rua, que a minha querida filha tanto amou». Mais os 100\$ em selos de correio, da Amadora. E um abraço da Maria Angelina e 100\$.

A visita carinhosa e amiga do Colégio Moderno de S. José, de Vila Real e 4.000\$ que as alunas conseguiram em pedidório feito pela cidade. Mais 100\$ de algures. «Velha assinante de Monte Estoril», com os 100\$ de todos os meses. E

250\$ de Figueira da Foz. Duzentos e setenta do Porto. «Por alma dos meus entes queridos», anónima de Gondomar com 500\$. De Aveiro, a muita amizade de casal amigo e cinco contos. Valongo com 20\$. Mais 50\$, de Avintes. Lá vai a presença dos «Avós de Sintra» e 650\$. Mil escudos e mais uma visita, mas anual. É o Grupo Motorizado Motociclo «Boa Nova», de Mazarefes — Viana do Castelo, que se chama «os saudosos Amigos do Padre Américo» e que todos os anos nos trazem das suas flores e nos deixam as suas migalhas.

E por ora é tudo. Obrigado.

Manuel Pinto

Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª pág.

a espreitar pelas portas velhas.

E naquela rua íngreme e escura, muito estreita, o cheiro é desagradável e há lixo abandonado nas pedras envelhecidas.

A praça pública tem sempre muita gente desempregada.

Os cartazes e revistas pornográficas convidam e estimulam a sensualidade.

Há muitos e muitos que lutam pelo pão de cada dia. Quanta heroicidade nesta luta!

E todo o homem é meu Irmão.

Padre Horácio

Cantinho dos Rapazes

Aconteceram dois feriados perto de um domingo o que equivale a um tempo largo fora das ocupações estabelecidas. Havia necessidade de qualquer coisa que evitasse o aborrecimento de muitas horas sem ter nada que fazer, e os aborrecimentos que costumam aparecer quando o ócio impera por aí, e ele mau conselheiro conduz à asneira.

Surgiu a ideia de organizar entre vós várias competições desportivas, tendo por base aquelas actividades que já costumais praticar. Para dar um ar mais festivo, um de vós lembrou-se de chamar ao grupo de competições o I Festival Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Lançada a ideia começou a preparação de tudo o necessário para concretizá-la. E

eram os regulamentos, a nomeação dos juizes, a distribuição por idades dos diversos atletas, etc. Todos concorreram, desde o grupo dos «Batatinhas», que viriam a brilhar na sua prova de corrida, até ao chefe-maioral, brilhante vencedor do salto em altura. Todos colaboraram de forma que tudo ia acontecendo quase sem se dar conta de quem o fazia. E assim o Festival Desportivo foi uma verdadeira festa onde houve ordem, compreensão e alegria.

Devíamos estar abertos para as lições que a vida dá e o acontecimento de que estamos a falar é uma gritante lição para vós: a lição da colabora-

ção, a lição da entreaajuda, a descoberta das potencialidades que há em vós e que podem estar adormecidas, ou até a morrer, se vos deixardes dominar pela rotina, pela indiferença.

Pai Américo teve a intuição de acreditar no vosso valor e de estruturar as Casas do Gaiato a partir do aproveitamento das qualidades que vão dispondo em vós. Se as aproveitardes, podeis fazer da vossa juventude uma preparação construtiva e equilibrada para a difícil tarefa de «ser um Homem». Se assim não for...

Padre Abel

Setúbal, em Palmela e na Quinta do Anjo. Laurindo tem andado com a tarefa dos bilhetes.

Que estas Festas te comuniquem a nossa vida para que a Fé nos alimente a todos.

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Consoante as ofertas dos nossos leitores, além de fornecermos o mínimo de subsistência aos Pobres, vamos concedendo pequenos auxílios a Auto-construtores na média de 3.000\$00 por cabeça.

Quem anda nesta vida sabe perfeitamente como ela é uma bola de neve. Servido um grupo aparece logo outro. E bom é que apareçam, mau grado o complexo de dificuldades dos heróicos Auto-construtores.

O último que nos abordou, estava consternado com os senhores de mangas d'alpaca. É um homem razoavelmente evoluído. Sabe o que diz.

— Vou perder mais um dia nas repartições! E não só... Ora veja lá: a minha documentação estava pronta e já tinha ordem para receber o empréstimo. Mas, como a coisa demorou nas mãos deles..., houve uns papéis que terminaram o prazo de validade e têm de ser renovados! A culpa é deles... Não é minha.

Nos dias d'hoje, toda a gente sabe quanto vale um dia de trabalho. E não é menos difícil avaliar quanto ele significa para um homem que se lança na extraordinária aventura de erguer a sua própria moradia nos tempos livres, com o cinto bem apertado e o dinheiro dos outros — que será pago a prestações...

PARTILHA — Exactamente para darmos a mão a todas as carências, os nossos leitores nunca faltam. Uns dias mais, outros dias menos, eles estão presentes enquanto for necessário. Graças a Deus.

Por alma de um nosso Amigo da primeira hora, coube 500\$00 à nossa Conferência. Não há dúvida, «foi um militante do Evangelho, apóstolo das causas nobres, amigo do bem-fazer». Está no Céu.

Mais 60\$00 de Mafra. Mais 1.500\$00 «produto da venda de uma máquina de costura». Mais 400\$00 de Coimbra, pedindo «desculpa de só hoje dar conhecimento, mas andei por fora neste fim de semana longo; e, quando assim tenho umas folgas, não me posso esquecer dos nossos Irmãos pobres, que as carências são tantas que não podem gozar os feriados.»

De «uma Assinante de Seixal», o habitual:

«Com toda a amizade a minha partilha do salário de Junho, uma pequena contribuição (1.200\$00) para aquilo que as pessoas tinham direito a receber por justiça.»

Mais 100\$00 de «velha Amiga», de

Lisboa. O mesmo da assinante 13525, do Porto. E mais nada.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

BORBOLETA

Ao passar por um jardim público sensibilizo-me ver o olhar sonhador de Daniela a estender-se por entre o arvoredado denso.

Sento-me perto dela e verbalmente oiço um enorme desejo a sair, triste e carinhosamente, das profundezas do seu coração. Gostaria de ser uma simples borboleta para podermos saltar de flor em flor. Ao menos as plantas tão delicadas e bonitas não têm muros nem grades de ferro a impedir o espaço livre às pessoas.

As palavras sinceras de Daniela não eram para ser discutidas, mas sim profundamente compreendidas, meditei e concluí eu.

Após estes instantes respiro fundo e depois, com os meus olhos curiosos e atrevidos beije o rosto belo e os braços compridos de Daniela, que se encontravam ainda limpos e a cheirar a sabonete.

Creio que Daniela é uma borboleta com bons pensamentos e quando voa através de sonhos, chega realmente a ser feliz.

Manuel Amândio

RETALHOS DE VIDA

O «Violas»



Chamo-me Eduardo António Serra Portela — o «Violas». Sou natural de Nova Lisboa, Angola. Tenho cinco irmãos.

Meu pai era muito mau. Todos os dias, quando vinha do trabalho, tinha que bater na minha mãe! Ele andava metido com outra mulher, mulata...

Ainda só tinha três anos quando meu pai abandonou minha mãe e todos nós.

Ela começou, então, a despachar os filhos. Eu fui o último, mas a minha mãe não sabia onde me pôr. E não se importava de mim; andava cada dia com um homem e eu andava pelos cantos, todo sujo, roto, etc.

Um dia, uma senhora viu-me e perguntou quem era a minha mãe. Eu contei tudo. A senhora teve pena de mim e levou-me para sua casa. Mais tarde, encontrou-se com a minha avó. Entregou-me. Mas eu, como já estava tornado um traquina, não havia solução para me educarem; ainda por cima minha avó era velha. Estava sempre pelos telhados dos vizinhos... Fugia dela e só depois de uma ou duas semanas é que aparecia!

Então, minha avó mandou-me para Sá da Bandeira, para a Casa dos Rapazes. Era uma Obra do I.A.S.A., Instituto de Assistência Social de Angola, onde estive seis anos. Mas, quando chegou a guerra fugi e inscrevi-me em Benguela como retornado. Depois, fui para Lisboa, para o Campo Grande, ao lado da ponte, num Colégio. O sr. Padre Carlos soube do meu caso, foi-me buscar e, assim, vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Despeço-me com um grande abraço.

Eduardo António Serra Portela («Violas»)

Setúbal

A marginalidade e a criminalidade começam agora a dar que falar e parece também a dar que fazer às autoridades constituídas.

Alguém afirmou que a marginalidade nada tinha a ver com a revolução de Abril. Em certo sentido é verdade, mas noutro até tem muito a ver.

Ordinariamente os homens, sobretudo os materialistas, afligem-se com as novas vagas, não por amor aos que dela são vítimas mas pelos prejuízos materiais, morais e políticos delas resultantes.

Foi a percentagem enorme de prostitutas, de atrasados mentais, de diminuídos culturais e morais, de alcoólicos, de marginais, numa palavra, que os responsáveis de outrora nunca souberam ou nunca quiseram defrontar que fez tanta gente descer na sua política e acreditar naqueles poucos ou muitos que se armaram em revolucionários sob o pretexto (demagógico) de irem ao encontro das camadas mais abandonadas da sociedade portuguesa. Foi essa esperança, até ao momento só concretizada em promessas, que fez sair para a rua em radiosa alegria muita gente sensata e dorida da situação dos Irmãos mais pobres, nos dias a seguir ao 25 de Abril. E que vemos hoje? Nada? Não. A frustração brutal da demagogia, resultando numa tempestade de vagas alterosas que vão da droga ao homossexualismo passando pela prostituição, pela pornografia, engolindo e arrastando uma juventude e uma adolescência numa autêntica catástrofe nacional.

Chega-nos até a notícia de que a carne feminina portuguesa é comercializada em cidades de outras nações a preços mais baixos. Que tristeza! Que vergonha para um povo! Que dor profunda para os que amam!

Sabemos que o Governo está atento a estas questões e já nomeou uma comissão encarregada de estudar o assunto e apresentar resultados e soluções. Aguardemos mais uma vez. Mas desde já alertamos toda a gente que não é só com técnicas ou dinheiro que estas chagas se curam ou remedeiam. Nem sequer

só com medidas repressivas.

Já reparaste que os meios de comunicação social, nos seus reclames, nas músicas, às vezes nos temas que abordam, e nos termos com que o fazem e sobretudo nos filmes das casas de espetáculos ou na televisão, martelam continuamente os nossos sentidos com mensagens não só de burguesia, mas sobretudo do seu aviltamento sexual mais baixo? Já observaste que quando esta gente quer falar do amor só o sabe fazer apresentando a atracção sexual, explorando-a até ao último pormenor? Nós somos um povo tão pobre, com tão pouca capacidade de discernimento!... Estas mensagens são a exploração infame de pseudo-intelectuais a um povo que sofre as consequências brutais duma sua situação imposta.

Que dizer das bôites que proliferam nas cidades, vilas e até aldeias onde a escravatura feminina serve os interesses económicos de uns tantos ambiciosos, facilitando o desenvolvimento das paixões e dos vícios, numa degradação progressiva da dignidade humana?

Quem frequenta estes ambientes? São as pessoas que trabalham no duro, que negociam honestamente, que não exploram o seu Irmão, pensam constituir ou já constituíram uma família digna do amanhã que todos apregoamos? São esses? Bem sabemos que não.

E as nossas cadeias? São lugares de recuperação ou, pelo

contrário, autênticas escolas de crime?

A de Setúbal, onde se encontram tantos jovens, não tem sequer uma oficina onde os rapazes possam ao menos aprender os rudimentos de um ofício e distraírem o espírito dos males que os atormentam.

Sabemos que as nascentes da marginalidade são muitas e variadas e não cabem na análise de um artigo de jornal mas davam um autêntico tratado.

A Comissão agora nomeada tem gente experimentada na recuperação de marginais ou só técnicos de gabinete, habituados ao burguesismo das alcáçafas, do ar condicionado, do café ao meio da manhã e da tarde e do cigarro sempre a consumir-se? Tem alguma mulher ou homem que ao longo da sua vida tenha sofrido na sua carne e no seu coração as dores brutais dos seus Irmãos ou Irmãs marginalizados? Gente, embora reduzida, que tem gastado as suas energias só por amor, sem qualquer paga, ao serviço deles? Gente de fé que como Jesus Crucificado carrega sobre os seus ombros os pecados alheios e procura a redenção?

Esperamos que o tempo do tecnicismo abstracto tenha passado.

Os tribunais não têm o direito de gastar, como têm gasto, os dinheiros públicos ou privados em banquetes, recepções ou saídas ao estrangeiro, por motivos políticos ou partidários, quando a nossa gente mergulha num abismo de trevas. Há que mobilizar todas as energias e, sobretudo, dar o exemplo.

E a Igreja? Que tem aqui uma tarefa urgente e da sua específica missão como salvadora dos homens? Mobiliza as suas voca-

ções consagradas e o seu povo vítima e sacerdote para redenção destes pecados? Ou continuamos a perspectivar consagrações instaladas renunciando à aventura da pobreza autêntica, da doação total incarnada sem se comprometer na redenção que aqui e agora deve viver para a poder celebrar?

Quando a Igreja pós-conciliar se proclamou pobre e serva dos Pobres, sofreu uma crise enorme porque as suas pers-

pectivas vivenciais eram mais abstractas do que concretas.

Os jovens de hoje são ainda generosos, mas precisam de ver nas nossas vidas o Evangelho de Jesus Cristo. O Cristo dos Pobres, dos Marginais e das Prostitutas. O Cristo que ama, sabe compreender e amar. As Prostitutas hão-de entrar no Reino dos Céus e os filhos da Luz serão lançados nas trevas!

Padre Acílio

CARTA do «meu» moinho

Cont. da 1.ª pág.

xassem ir ao Parlamento...» Acontecer-lhe-ia, talvez, como à «Zaragateira» do Rosselini: A manha dos profissionais de pressão se desembaraçou dela, enrodilhando-a na tela que, em todos os tempos, eles são mestres em tecer. E voltaria a ser no bairro, na rua, que não nos «passos perdidos» onde mercenários mandatados desgastam alcáçafas — seria aí que a sua voz continuaria a proclamar em toda a sua pureza os direitos do Povo, as necessidades dos Pobres e os remédios não sofisticados que vão construindo a resposta suspirada, tão longamente esperada, tão devida.

Lembro-me também daquela voz que já não voltará a falar neste mundo: «A Humildade não é virtude dos políticos». Ele não disse que não era virtude política. Eu creio mesmo que o é essencialmente. E por não ser tida como tal, e por não ser cultivada, o mundo anda tão desorientado.

Do moinho onde estou escrevendo — em região duriense que vive da vinha e pouco mais — os meus olhos enxergam três aldeias e nelas quantos telhados acolhedores que ninguém sabe explicar como se ergueram.

Sei eu. Disse-me o Pároco delas (e não é a primeira vez que nestas colunas o repito): «Estas casas fazem-se, quando as fazemos primeiro no coração».

O mandato que o designou para a defesa do seu Povo, para o remediar das suas carências mais gritantes, foi a sua vocação escutada e correspondida, a sua obediência teimada, apesar de muitas contradições; e o poder para realizar quanto meus olhos vêem é a fecundidade do amor que se não diz, que não precisa de reclamar-se, porque é.

Perto de nós, os nossos mais próximos vizinhos, uma família de onze filhos e mais um no Céu. Quantas mulheres que andam por aí agitando cartazes e berrando pelo aborto não desejariam o garbo e a beleza desta Mãe de 45 anos vividos

no trabalho duro do campo e da criação dos seus filhos, todos escorreitós, graças a Deus. Mais importante é a beleza moral que nos deleita, a sanidade de alma que nos contagia.

A semana dispersa os cinco filhos mais velhos. É o dever do pão. É a nobreza que se não enjeita de comê-lo com o suor e sacrifício. O domingo reúne-os. É verdadeiramente o Dia do Senhor. Um dia de comunhão na alegria do encontro, que nós tivemos a dita de partilhar. Pobres — que importa? se são felizes na sua suficiência, no amor que os une, na consciência tranquila da sua prestação para uma Pátria que seria sã, se cada qual, no seu lugar e com os seus talentos maiores os fizesse render 100% como estes, em vez de os enterrar, em vez de os dissipar!

Melhor do que consciência diria até intuição, porquanto a sua modéstia e humildade nem os faz conscientes do valor que representam ao pé de tantos importantes que arregam em nome do Povo nesta larga feira, onde, à falta do produto que se não fabrica, se vende «banha de cobra».

Aqui nas alturas onde o vento é quem mais fala; ao contraste desta reserva pura e sã da nossa gente — mais agreste os ouvidos e a inteligência a basófia dos importantes e a ineficácia dos mandatados que, se acaso o são por vocação, nem por isso descaram a compensação dos seus interesses.

Aqui soubemos também da partida deste mundo de um Homem que o encheu de bens: Elísio de Moura. Não ficamos mais pobres porque o rasto luminoso da sua vida não logrará apagá-lo a vulgaridade que passa sem deixar memória.

Vistas do «meu» moinho, que o pensamento lobra deste lugar que é para mim a fonte do mais belo panorama de tantos muito belos em que Portugal não é pobre. Assim fosse a riqueza dos portugueses!

Padre Carlos

Calvário

Cont. da 1.ª pág.

se que há muitas situações singulares que precisam de medidas próprias que somente ao domicílio podem ser tiradas a rigor.

Também os técnicos necessitam de novos ângulos de visão sobre os problemas sociais para não continuarem indefinidamente com soluções desajustadas. E o mais realista de todos os ângulos é aquele que é feito pelo abrir da porta sobre a casa ou a mansarda dos homens.

Padre Baptista



O «Rebuçados»

de brincar, de fazer barulho. As vezes..., até se esquece da sua obrigação. — Oh «Rebuçados»! São 14 anos... Ele ri. Dá meia volta. Pega no trabalho. Movimenta a sua gente. O barulho pode continuar, mas se ele cumpre — todos cumprem.

O grupo tem-lhe respeito. Ah isso é que tem!

Um caso:

Nos últimos dias foi necessário proceder a um desdobramento da sua equipa. Ele para o sector do papel velho; o grosso da coluna para a expedição do jornal.

— Venha ver...

Fomos. Apesar de escuro, o armazém do papel parece iluminado! Até ver...

Elogiamos, em voz alta. Os rapazes escutam. Ele sorri, meio sério meio irónico, à «Rebuçados».

Ao fim da tarde, porém, há uma ligeira acalmia na poluição sonora da malta ocupada na expedição de O GAIATO. — Que será? Era «Rebuçados» a fazer justiça por sua mão. Justiça perfeita! Cumprira a sua missão — e exige aos outros na mesma medida.

Um fim de tarde feliz!

Júlio Mendes



O Gaiato

Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa